

O pensamento oriental e a ciência da motricidade humana: algumas aproximações

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: o artigo pretende analisar correspondências existentes entre os fundamentos da Ciência da Motricidade Humana e os valores e pensamentos orientais e, a partir destas, traçar implicações educativas.

Palavras Chave: Motricidade Humana, Oriente, educação.

Abstract: this article intends to analyze correspondences between fundamentals of Human Motricity Science and eastern values and thoughts, and from these, draw educational implications.

Keywords: Human Motricity, East, Education

A ciência da motricidade humana e o pensamento oriental

A Ciência da Motricidade Humana (CMH), ao surgir, abriu um espaço de investigação emergente na busca de compreender os fenômenos humanos relacionados com o corpo. A motricidade, neste parâmetro, é o corpo em movimento intencional em busca de um *SER MAIS*, pois, é na motricidade que o indivíduo-corpo faz-se pessoa, um ser-para-os-outros, um ser-para-o-transcendente.

A trajetória percorrida na tentativa de estruturar um corpo teórico-metodológico numa comunidade científica de uma nova ciência, em vista a construir uma epistemologia da motricidade humana, aponta algumas aproximações com o pensamento oriental.

Esta análise foi relatada, por Luzia Mara Silva Lima (2000) na 1ª parte de sua obra - *O tao da educação: a filosofia oriental na escola ocidental*². Resulta que, a partir desta obra, seguimos aprofundando este estudo na perspectiva de firmar implicações educativas que estas análises podem trazer ao espaço escolar, interesse primeiro deste artigo.

Em reforço a essa aproximação e, em publicação mais recente, José Antunes de Souza (2011), ao falar da história da Ciência da Motricidade Humana aponta:

História, mais bem, do que foi sendo a percepção dos homens e a sua respectiva conceptualização dessa realidade. E aí, como sabemos, são basicamente duas as concepções, entre si opostas, que se vêm perfilando: uma, dualista, plato-agostiniana, mas, também, como veremos, aristotélica e seguramente cartesiana. Uma outra, e que *entronca num certo lastro sapiencial do mundo oriental e de que a Motricidade Humana quer ser sistemática expressão*, é aquilo a que poderíamos designar genericamente como a concepção unitária e holística do ser humano. (grifo nosso)

Trataremos então de aprofundar estas aproximações em vista a um fortalecimento da integração Oriente-Occidente que acreditamos ser determinante na estruturação de diversas práticas educativas contemporâneas.

¹ Mestrando do PPGE da Univ. Metodista de São Paulo. Prof. de Educação Física e Judô da PMSCS.

² LIMA, L.M.S. *O Tao da Educação: a filosofia oriental na escola ocidental*. São Paulo: Ágora, 2000

A totalidade: o princípio paradigmático fundamental

Uma das mais evidentes aproximações entre o pensamento Oriental e a CMH está na visão de totalidade relacionada ao corpo. A distinção entre corpo-razão, corpo-alma, corpo-espírito por séculos tem marcado a forma de compreensão dos fenômenos humanos, estabelecendo evidentemente, uma característica própria do pensamento ocidental, a dicotomia, o *logos* em supremacia sobre o *physis*, a supervalorização do pensar sobre o sentir e agir.

Não que a dicotomia não esteja presente no pensamento oriental, uma vez que, por exemplo, os conceitos *Yin* e *Yang* do pensamento Chinês são dicotômicos até certo ponto, se entendermos o termo como distinção, separação, oposição em algum sentido. O que realmente marca não é a distinção ou a oposição mais sim a supremacia de uma parte sobre a outra e sua independência, o que, no caso do pensamento ocidental, reflete a submissão do corpo a serviço da alma. Isto não ocorre no sistema de pensamento oriental Chinês que, apesar de caracterizarem dois elementos distintos, o *Ying* e o *Yang*, não se estabelece uma supremacia de um sobre o outro e sim uma interdependência, uma *polaridade*³, onde a essência está na busca do equilíbrio dinâmico. Equilíbrio que não significa *fixo*, *inalterável* e sim *flexível* na busca da manutenção de certa estrutura ampla mesmo na presença de contínuas instabilidades, ou seja, uma **visão sistêmica da realidade**. Assim, a verdadeira diferenciação do modo de pensar oriental e ocidental, no que diz respeito a corpo-alma, está na valorização de uma totalidade dinâmica e interdependente em detrimento à subdivisão de partes hierarquizadas⁴, umas mais importantes que outras.

A concepção ocidental das relações da alma com o corpo é herdeira da formulação platônica de um dualismo axiológico. Opostamente ao que se pensa. Platão não visa um equilíbrio entre o corpo e a mente; ao contrário, o conjunto de sua obra contribui para afirmar um dualismo radical distinguindo, no ser, duas realidades substanciais distintas. O homem é alma e corpo, mas “é a alma que domina, é a parte soberana, o princípio e o fim”. (LE BOULCH, 1987, p. 11)

Uma das mais incríveis interpretações desta interdependência de totalidade dinâmica esta na descrição lingüística da *voz média* por Jean Lauand (2007), na qual a forma de perceber e pensar a realidade se abstém da condição de ação-reação, de uma supremacia de um estado sobre o outro (um passivo; outro ativo), para uma condição de interdependência onde não se estabelece uma relação ativa e nem passiva devido a condição de interdependência em uma totalidade dinâmica. Vemos então que, nessa perspectiva de *voz média*, encontramos também indícios de pensamento oriental, ou melhor, a *voz média* é a própria representação lingüística do pensamento oriental.

³ “Nesse princípio de polaridade não há idéia de conflito, pois não há luta de opostos, Não há a luta do bem contra o mal, tampouco da luz contra a escuridão. A diferença entre dualismo e polaridade é que o dualismo tem um enfoque de opostos irreconciliáveis. Na polaridade existe coexistência, porque um é decorrente do outro.” (SUGAI, 2000, p.100)

⁴ “Para evitar confusão, podemos reservar o termo hierarquia para os sistemas de dominação e controle bastante rígidos em que as ordens são transmitidas de cima pra baixo. O símbolo tradicional para estas estruturas é a pirâmide. Em contraste, a maioria dos sistemas vivos exhibe modelos de organização em múltiplos níveis, caracterizados por muitos e intrincados percursos não-lineares, ao longo dos quais se propagam sinais de informação e transação entre todos os níveis, tanto ascendentes com descendentes. Foi por isso que inverti a pirâmide e a transformei numa árvore, símbolo mais apropriado para a natureza ecológica da estratificação nos sistemas vivos. Assim com uma árvore real extrai seu alimento tanto das raízes como das folhas, também a energia de uma árvore sistêmica flui em ambas as direções, sem que uma extremidade domine a outra, sendo que todos os níveis interagem em harmonia, interdependentes, para sustentar o funcionamento do todo.” (CAPRA, sd p. 275-276)

A voz média é um rico recurso - encontrado por exemplo no grego -, que permite expressar (perceber e pensar) em situações da realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. (LAUAND, 2007, p. 185)

Segundo Lohmann⁵ o recurso lingüístico dá acesso ao modo de pensar e vice-versa. Entender a linguagem como recurso de expressão e compreensão da realidade ampliou nossa análise para a linguagem corporal, seus significantes e significados retratando formas de pensar, agir e sentir, portanto, motricidade humana. Assim como a *voz média* é um recurso que orienta para a compreensão da interdependência dinâmica dos modos de agir linguisticamente, traduzindo o sistema de pensamento, a motricidade humana adota o princípio da totalidade para compreender o homem em movimento.

Vale dizer, *grosso modo*, que podemos traçar um paralelo entre o pensamento oriental, o recurso lingüístico da *voz média*, e a motricidade humana, pois ambas se estruturam dentro de um modelo sistêmico. Se assim o for, podemos afirmar que jogar basquete, por exemplo, é uma ação de *voz média*, uma vez que a bola, no percurso de sua trajetória, determina *as infinitas possibilidades de ação do jogador*⁶, o que, por sua parte, se move em função das ações da bola – uma interdependência.

Nas práticas corporais de luta e, especificamente no Judô, podemos dizer que é um fenômeno essencialmente de *voz média*. Um dos elementos fundamentais da luta é o direcionamento da força do oponente para somar-se a sua, na busca do encontro do tempo exato da aplicação da técnica em um estado de desequilíbrio do oponente. Se o lutador se *fixa* em um determinado golpe deixa de sentir as ações de seu oponente que são determinantes para encontrar a melhor ação. Pode-se dizer então que o golpe nasce das circunstâncias interativas entre os lutadores, *voz média*. É necessário *equalizar os ritmos de ação* para que o golpe possa ser aplicado com sucesso.

Sobre a noção de ritmo, dentro da idéia da inter-relação e da interdependência, CAPRA (2001, 295) aponta que este desempenha um papel fundamental nos processos de interação. O processo de auto-organização no modelo sistêmico da biologia onde as oscilações, as vibrações e as ondas tornam-se estruturas rítmicas ordenadas no mundo vivo, uma expressão individual, uma pulsão interior. O ritmo não se limita à auto-organização ou auto-expressão e sim se estende à *percepção sensorial e à comunicação*. O ritmo, nesse sentido, é um caminho para a interação entre os indivíduos.

Tal como no processo de percepção, o ritmo desempenha um importante papel nas várias maneiras como os organismos vivos interagem e se comunicam entre si. A comunicação humana, por exemplo, tem lugar em grau significativo, através da sincronização e da interligação de ritmos individuais. Recentes análises de filmes mostraram que toda conversação envolve uma dança sutil, e em sua maior parte invisível, em que a seqüência detalhada de tipos de

⁵ Johannes Lohmann: “S. Tomás e os árabes – estruturas linguísticas e formas de pensamento” <http://www.hottopos.com.br/videtur11/santotom.htm>

⁶ As infinitas possibilidades, própria do princípio da incerteza de Heisenberg, um modelo sistêmico de pensar a realidade, no estudo da mecânica quântica de certa forma apresentado em uma parte do filme “Quem somos nós” http://www.youtube.com/watch?v=IiDRWLH_sLc que apresenta a idéia de interdependência entre o observador e o fenômeno a ser observado.

fala é precisamente sincronizada tanto com movimento ínfimos do corpo do locutor como os movimentos correspondentes do ouvinte.(CAPRA,sd, p.295-296)

Por um lado, se a língua é um recurso para o pensamento, como aponta Lohmann; e, por outro, há uma *voz média* e, numa comunicação entre os sujeitos existe uma sincronia rítmica entre os interlocutores podemos afirmar que ambos os modelos convergem para um modelo sistêmico de interdependência.

A este modelo a CMH refere-se como *intersubjetividade*, que, na interpretação de FEITOSA (1993) citando BUBER(1979)⁷ trata-se de um fenômeno da relação de um com o outro, do seu diálogo com *TU* uma vez que a existência humana é dialógica. “As principais características desta vida em diálogo são as seguintes: palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano.”

Ainda sob sua análise afirma que, a CMH, ao compreender o homem como ser eminentemente cultural, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência, valoriza a *intersubjetividade* como condição primeira da relação, pois ela nos leva a olhar o outro como a mim mesmo.

Este modo de pensar na totalidade, uma forma de visão da realidade, pode ser observado também na obra *Zen em quadrinhos*⁸ no diálogo proposto por duas ondas cujo título é *A iluminação da onda*:

- Oh, como sofro! As outras ondas são grandes, e eu sou pequena. Algumas estão em ótima situação, e eu sou tão desprezível...
- Você acha que sofre porque não viu claramente a sua forma original.
- Não sou uma onda? Então o que eu sou?
- Uma onda é apenas sua forma temporária. Você é água!
- Água?
- Quando perceber que sua essência é água, não ficará confusa em relação a ser uma onda e deixará de sofrer.
- Há, entendi! Sou você e você sou eu. Somos parte de um eu maior!

A totalidade, própria do pensamento oriental e também apresentada por Hirose (2010–78) quando diz que:

O Oriente, tradicionalmente, ao contrário do Ocidente, não tem a necessidade de teorizar aquilo que pratica, sabe por experiência que as coisas funcionam assim ou assado e isto basta. Já o viés ocidental – sempre tipicamente falando – só aceita, digamos, uma terapia se dispuser do modelo teórico adequado que a “fundamente”: quantos médicos ocidentais recusam, por exemplo, a acupuntura, por acharem que noções como a de Qi, energia, são vagas e insuficientes. Mesmo confrontados com a comprovada eficácia do tratamento, não o prescreverão. O oriental, que não prioriza o “sistema de pensamento”, acolhe a prática que se mostra eficaz. Assim, a tradição oriental pensa o homem como um todo: corpo-espírito, e integrado num todo maior: homem-natureza.

⁷ BUBER,M. *EU e o TU*. São Paulo: Cortes & Moraes, 1979.

⁸Chung,T.C. *Zen em quadrinhos*. Rio de Janeiro: Ediouro,1997.
<http://namedidadohumano.wordpress.com/category/zen/>

Manuel Sérgio (1995, p. 50-51) escreveu a respeito desta aproximação com o pensamento oriental. Vejamos a seguir:

A inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade e a práxis transformadora, que, em obra mais recente⁹ e descrita como corpo-alma-desejo-natureza-sociedade: “por dentro de uma visão holística do Homem e do Universo tudo está em tudo e em tudo e por tudo o Homem realiza e se realiza; pela práxis transformadora, o Homem abre acesso a transcendência e toma consciência que não é objetos sujeito fazedor da História e doador de sentido.”

Este modo de entender a inter-dependência dos fenômenos sugere uma aproximação com o conceito de homem estabelecido por Manuel Sérgio (1995-49), idealizador da CMH, que o compreende como “a dimensão fundamental do operar humano, na unidade indissolúvel do eu com tudo o que constitui o mundo da cultura”.

Manuel Sérgio, quando trata de apontar a matriz disciplinar da CMH, diz:

Podemos conferir a esta matriz disciplinar as características seguintes: auto-organização subjetiva, complexidade-consciência, inter-relação corpo-alma-natureza-sociedade, práxis transformadora, cinefantasia, primado do todo em relação às partes, transcendência, linguagem corporal. (SERGIO, 1995, p.50)

O interessante é notar também a aproximação da matriz teórica da CMH com o pensamento oriental, neste momento não por referência lingüística como da *voz média*, mas, por intermédio da noção de *complementaridade* do físico Niels Bohr¹⁰. Esta noção originalmente aplicada aos fenômenos atômicos relativos à imagem de onda e partícula, duas descrições complementares da mesma realidade. Esta noção tornou-se parte fundamental de como a física contemporânea pensa a natureza. CAPRA (1982) descreve: “A complementaridade já foi amplamente usada em nosso exame da terminologia chinesa Yin/Yang uma vez que os opostos Yin e Yang estão inter-relacionados de um modo polar, ou complementar. O moderno conceito de complementaridade está claramente refletido no antigo pensamento chinês, fato que causou profunda impressão em Niels Bohr.”

E, diante de tantas aproximações e convergências entre o antigo pensamento Oriental com modelos contemporâneos de entender a realidade, o corpo e a motricidade, como totalidade, numa intencionalidade operante visando o *SER MAIS* portanto transcendência, promove um fortíssimo componente educativo, a vivência corporal como fator indiscutível.

Nas civilizações orientais, as relações do homem com sua corporeidade diferem das da civilização ocidental. Com base nas tradições místicas do pensamento oriental, a experiência do corpo é vista como a chave para a experiência do mundo e para a consciência da totalidade cósmica. O conhecimento do mundo baseia-se na intuição direta da natureza das coisas, numa relação com o mundo que envolve

⁹ SÉRGIO, M. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2003.

¹⁰ Niels Bohr (1855-1962) físico dinamarquês. Nascido em Copenhague, ganhou o Prêmio Nobel de Física (1922), pela descoberta da conexão entre o movimento coletivo e o movimento de partícula e pelo desenvolvimento da teoria da estrutura do núcleo atômico baseada nesta conexão. http://www.e-biografias.net/biografias/niels_bohr.php

intensamente o homem como ser corporal e sensível.
GONÇALVES,1997, p. 16)

Esta mesma característica essencial do corpo como agente de conhecimento foi descrita por HIROSE (2010) citando MAY numa expressão definida como “fixar o conhecimento no *Mi*”¹¹.

O conhecimento deve ser feito pela totalidade do indivíduo, e não apenas pela razão. E é essa totalidade que modela as imagens às quais o mundo se adapta.” (May,1975:136) Quando falamos de sentimento, não significa apenas afeto. Significa, segundo interpretação de May, a capacidade total do organismo humano para sentir o seu mundo. “Fixar o conhecimento no *Mi*” consegue conter esta concepção de aprendizagem. (HIROSE, 2010, p.91)

Implicações educativas destas aproximações

Uma das primeiras contribuições educativas que qualquer estudo que trate de relações entre pensamento Oriental e Ocidental é não estabelecer supremacia de um modo pelo outro ferindo, desta forma, o princípio de uma totalidade sistêmica. Oriente e Ocidente e seus modos de agir e pensar, precisam ser experimentados nas vivências educativas como complementares, interdependentes e formadoras de um *SER* integral.

Como aponta FEITOSA (1993), é um equívoco manter-se neste “estado de segurança” na aquisição do conhecimento baseado em modelos científicos unilaterais e reducionistas que impõem certo “medo de errar”, uma metodologia incompleta e empobrecida da realidade. Uma realidade que se apresenta por uma dupla dualidade: de um lado eu, e do outro lado, tudo o mais; de um lado o visível e do outro o invisível, onde o que se considera é apenas o que se pode mensurar e se observar pelos sentidos, ou seja, o visível.

No caso específico das práticas motoras na escola o que se vê é um excesso de propostas curriculares que evidenciam características do pensamento ocidental privilegiando a fragmentação do agir humano reduzindo-o ao um processo produtivo e individualizante. O valor está no visível, no mensurável, no resultado. Porém, a essência do mover humano está na *intencionalidade*, o aspecto invisível da motricidade.

A linguagem do corpo que predomina é a do *ser mais que o outro* e/ou *ser melhor que o outro* onde a tolerância pelas diferenças individuais e a interdependência é pouco valorizada ou quase nula. Tal situação provoca uma competitividade desprovida de humanização favorecendo os mais aptos em detrimento dos incapazes.

Deparo-me com a situação de encontrar, por exemplo, na prática do Judô educativo e, especialmente daquele realizado no espaço escolar, um processo de esportivização estruturada pela supremacia do pensamento ocidental, visando o rendimento como meta a ser alcançada reforçando a fragmentação sujeito-sujeito / homem-mundo.

O judô, assim como as demais práticas motoras de caráter educativo, devem estar atentas às contribuições da visão de um realidade sistêmica. Para pensar a educação nesse sentido, a CMH aponta:

¹¹ “*Mi* é o corpo e ao mesmo tempo o homem todo; *Mi* é o *Self*, *Mi* pode ser o eu etc.” HIROSE,C. *Mi* na tradição japonesa e a educação. São Paulo: Cemoroc Feusp. Revista Collatio nº 11 abril-junho de 2012, p. 56.

a educação refere-se a totalidade do ser (corpo-alma-natureza-sociedade. Onde está o homem, aí está a educação, como condição *sine qua non* de progresso e desenvolvimento. A pessoa humana não é tanto um princípio, ela é sobre mais um *resultado*...precisamente do ato educativo, que não é só o institucionalizado, porque cada um é criador de si mesmo. (SÉRGIO, 1994, p. 80)

O caminho pedagógico emergente tende a favor daquilo que sustenta a CMH, ou seja, a compreensão de que o movimento humano é uma totalidade dinâmica, que se estrutura, a cada instante, em função de uma intenção de um sujeito com o mundo. Idéia esta reforçada por sua permeabilidade com o pensamento oriental bem como com recursos lingüísticos interativos, como é o caso da *voz média*, todos apontando para uma maneira contemporânea de estabelecer relações no espaço educativo, **a totalidade como princípio paradigmático fundamental**.

Encerro apresentando uma poesia feita por Camila, uma de minhas alunas de Judô (faixa laranja), estudante do 7º ano de uma escola pública de São Caetano do Sul, numa bela manifestação das aproximações entre pensamento Oriental e a Motricidade Humana que, em suas vivências corporais foi expressa em linguagem poética.

Movimento

O mundo precisa de movimento
Se mexer, pular ao vento
Com procedimento
A importância é aprender, viver
Pensar, gostar
Brincar, se desenvolver
O físico e a mente
Não se fala separadamente
É uma coisa só em movimento
A vida é baseada em movimento
Vamos praticar a atividade motora sem medo
Por que você está aprendendo
(MARTINS,C.C – 7º D – 11/11/2011)

Referências Bibliográficas

- CAPRA,F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix , 1982.
Chung,T.C. **Zen em quadrinhos**. Rio de Janeiro: Ediouro,1997.
<http://namedidadohumano.wordpress.com/category/zen/>
HIROSE,C. **A experiência do corpo na cerimônia do chá: subsídios para pensar a educação**. Tese de Doutorado - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo , 2010.
FEITOSA, A.M. **Contribuição de Thomas Khun para uma epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1993.
GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, pensar, agir: coporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1997.
LIMA, L.M.S. **O Tao da Educação: a filosofia oriental na escola ocidental**. São Paulo: Ágora, 2000

LE BOULCH, J. **Rumo á uma ciência do movimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LOHMANN, J. “**S. Tomás e os árabes – estruturas linguísticas e formas de pensamento**” <http://www.hottopos.com.br/videtur11/santotom.htm>

SÉRGIO, M. **Alguns olhares sobre o corpo**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 2003.

SOUZA, J.A. **Motricidade Humana: um nome ou um programa de vida?** Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2011. http://www.lusosofia.net/textos/sousa_jose_antunes_motricidade_humana_um_nome_ou_um_programa_de_vida.pdf

SUGAI, V.L. **O caminho do guerreiro I: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual**. São Paulo: Ed. Gente, 2000.

Recebido para publicação em 10-01-12; aceito em 21-02-12